



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE



Maria de Lourdes do Carmo Souza Duca
Maria Lúcia Porto Silva Nogueira



Fonte: www.istockphoto.com/br

MULHERES NEGRAS:

LEITURA E ESCRITA DE CARTAS, NARRATIVAS DE LUTA E SUPERAÇÃO.

Caderno didático

FICHA TÉCNICA

Título: Mulheres negras: Leitura e escrita de cartas, narrativas de luta e superação.

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado "Cartas de mulheres negras do PPGELS: narrativas/impactos na escolarização e na constituição da leitura e da escrita na busca da formação profissional, pessoal e social."

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Médio

Área do Conhecimento: Ensino

Público Alvo: Professores e alunos do Ensino Médio

Categoria deste Produto: Caderno didático intitulado “Mulheres negras: Leitura e escrita de cartas, narrativas de luta e superação”, sequências didáticas para estudantes de Ensino Médio.

Finalidade: Material didático.

Organização do Produto: Caderno didático “Mulheres negras: Leitura e escrita de cartas, narrativas de luta e superação”, trata-se de sequências didáticas destinadas aos/às estudantes do Ensino Médio, para o trabalho de constituição leitora e escrita de mulheres negras. Subdividindo em cinco sequências didáticas a partir das cartas escritas por alunas do Ensino Médio, uma aluna e uma egressa do mestrado (PPGELS).

Registro do Produto: Biblioteca da UNEB – Campus VI

Avaliação do Produto:

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.

Divulgação: Site do PPGELS: <https://www.ppgels.uneb.br/teses-dissertacoes/>

Apoio Financeiro: Não se aplica

URL: Produto acessível no site do PPGELS, gratuitamente.

Idioma: Português

Cidade/Estado: Caetitê/Bahia

País: Brasil

Ano: 2024

Autora



MARIA DE LOURDES DO CARMO SOUZA DUCA

Mestra do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/Campus VI/UNEB. Graduada em Letras, licenciatura em Língua Portuguesa e literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – Departamento de ciências humanas, Campus VI. Professora da educação infantil no município de Caetité-BA.

Orientadora



MARIA LÚCIA PORTO SILVA NOGUEIRA

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Émerita do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia. Aposentada como professora de História do Ensino Fundamental e Médio. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa História da Mulheres, Gênero e Literaturas (CNPq). Pesquisadora do Grupo de Estudos, Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq). Editora da Revista Cenas Educacionais/UNEB. Autora dos livros: Mulheres, História e Literatura em João Gumes - Alto Sertão da Bahia, 1897-1930 (2015) e Mulheres baianas em tessituras de memórias e ficções (2020)

CARO (A) PROFESSOR (A)

Caro (a) professor (a)

Este caderno foi elaborado pensando em um conjunto de temas relacionados às vivências e experiências das mulheres negras, principalmente no que diz respeito aos impactos na constituição leitora e na escrita, que são tão afetadas desde a infância até a vida adulta por diversos fatores.

Sou mulher negra, autora deste caderno pedagógico, e conheço as dificuldades, os desafios, a discriminação, o preconceito e o racismo dentro e fora do espaço escolar. E, como forma de contribuir com a prática pedagógica, este material foi pensado e elaborado durante o período da pesquisa no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité-BA.

Durante a elaboração do caderno, todas as reflexões nele contidas foram cuidadosamente pensadas para o trabalho com o Ensino Médio. As cartas com as narrativas, que são os pontos de partida das atividades, são do livro de Françoise Ega "Carta a uma negra", cartas de alunas negras do Ensino Médio do Instituto de Educação Anísio Teixeira (participantes da Oficina de leitura e de escrita de cartas: O poder da leitura e da escrita na vida das mulheres negras) e cartas das participantes da minha pesquisa, que são alunas negras e egressas do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS). Todas as cartas contêm histórias, experiências, memórias e narrativas de superação na trajetória de mulheres negras que buscam sua formação leitora e escrita para enfrentamento dos desafios a que somos submetidas em muitos espaços.

Inicialmente, é proposto um momento de reflexão a partir da carta de Françoise Ega de 1932, para abrir as discussões sobre o processo de leitura e escrita da mulher negra. Entendemos que a leitura e a escrita possibilitam o nosso fortalecimento enquanto mulheres negras que buscam entender nossa história e histórias de outras mulheres como ferramenta para enfrentar os desafios, que são muitos, e que só através do conhecimento conseguiremos seguir em frente e conquistar nossos objetivos como cidadãs críticas, conscientes e autônomas.

Este material foi pensado como uma maneira de contribuir com as discussões sobre os desafios que as mulheres negras enfrentam no processo de aprendizagem e na constituição leitora e da escrita. Para isso, é muito importante apresentar escritas narrativas de mulheres negras, elucidando os percalços do caminho na conquista de melhores condições de vida.

As atividades aqui propostas pretendem contribuir com o debate sobre discriminação, preconceito e racismo, sobre mulheres invisibilizadas, estimulando a leitura das narrativas de outras mulheres negras, como exemplo de superação e vitórias de outras mulheres negras que se tornaram excelentes intelectuais.

Recomenda-se a análise das propostas e possíveis adaptações para a série e turma onde serão desenvolvidas as atividades, para que elas possam contribuir para a formação leitora e escrita a partir das questões da superação, luta e resistência das mulheres negras. Desse modo, este produto educacional é destinado aos/às professores/as do Ensino Médio da cidade de Caetité e região e em quaisquer outros espaços educacionais.



SUMÁRIO

<i>Momento de reflexão</i>	6
<i>Cartas a uma negra - Maio de 1962</i>	7
<i>Carta 1: Os desafios da leitura e da escrita das mulheres negras</i>	11
<i>Carta 2: A presença da discriminação no espaço escolar</i>	14
<i>Carta 3: A invisibilidade da menina/mulher negra na escola</i>	17
<i>Carta 4: Os desafios enfrentados na sociedade</i>	19
<i>Carta 5: Desafios na trajetória da constituição leitora antes e durante a universidade</i>	22
<i>Carta 6: Um sonho depositado em Cacto</i>	24
<i>Sugestões de leitura: Escritas de mulheres negras</i>	27
<i>Referências</i>	31

MOMENTO DE REFLEXÃO

Iniciando as reflexões sobre as vivências, lutas, resistências e superações das mulheres negras através da carta de Françoise Ega, os desafios para a leitura e escrita.



Carta

Mai de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista Paris Match; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criança à sua volta? Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol. Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito”. Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais. Não canso de me perguntar onde meus pais encontraram um nome desses.

(Françoise Ega, 2021, p.6-7).

Após a leitura ou a apreciação da carta, inicie um debate sobre o contexto escrito na carta de Françoise Ega, para que as/os alunas/os possam refletir sobre as experiências vividas tanto por si quanto pelo outro. Você poderá fazer algumas perguntas para direcionar as discussões.

- a) O que vocês acharam da carta?
- b) Quais são as características de Françoise Ega?
- c) Você conhece alguém que se identifica com os fatos escritos na carta?
- d) Você conhece Carolina Maria de Jesus?
- e) Por que Françoise se identificou com Carolina?
- f) Qual a relação entre Françoise e Carolina?

Feita as discussões sobre as primeiras impressões da carta, vamos para a segunda parte, que será o lançamento de perguntas para que as alunas e alunos respondam oralmente.

- a) Em que classe social Françoise está inserida?
- b) Quais são as dificuldades que ela enfrenta?
- c) Qual é o maior impedimento de Françoise para se dedicar a leitura?
- d) No trecho da carta “ *Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta*”.
- e) Por que ele age dessa maneira? Por que ele não valoriza a escrita de Françoise? Por que Françoise gosta tanto de escrever cartas falando sobre suas experiências para Carolina?



A partir da última pergunta, podemos desenvolver a segunda parte dessa reflexão:

- Entregar a cada aluna/o papel, canetas coloridas, lápis de cor e folhas A4.
- Pedir que façam um envelope e escolham um/uma colega para escrever uma carta se apresentando a ele/a.
- Explicar um pouco sobre a CARTA enquanto gênero textual.

A CARTA É UM GÊNERO TEXTUAL DIALÓGICO, OU SEJA, ELA TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO ESTABELECEER UMA CONVERSA ENTRE DOIS INTERLOCUTORES ESPECÍFICOS. ASSIM, A CARTA PODE SER UTILIZADA NA COMUNICAÇÃO ENTRE AMIGOS E FAMILIARES (CARTA PESSOAL), OBTENDO UM CARÁTER MAIS SUBJETIVO E INFORMAL.

QUAL É A ESTRUTURA PARA ESCREVER UMA CARTA?

- CABEÇALHO: LOCAL (GERALMENTE CIDADE) E DATA (DIA, MÊS E ANO).
- SAUDAÇÃO: CUMPRIMENTO AO DESTINATÁRIO, SEGUINDO DE VÉRGULA.
- TEXTO: O ASSUNTO DA CARTA
- DESPEDIDA: USA-SE EXPRESSÕES COMO (COM CARINHO, ATENCIOSAMENTE, ABRAÇOS) SEGUINDO DE VÍRGULA.
- ASSINATURA.

- Fazer sugestões de pontos que podem ser desenvolvidos na escrita da carta:

a) Quem eu sou e o que eu gostaria de ser?

b) Por que me chamo fulana?

c) Quais livros e outras leituras já fiz e que me indicaram uma vida em formação?

d) Quais pessoas são referenciais de formação para mim?

e) Quais propostas sociais estão como referenciais de formativos em minha vida: o estudo, o trabalho, outros?

Ao terminarem, entregar a carta ao destinatário e fazer a leitura compartilhada com a turma.

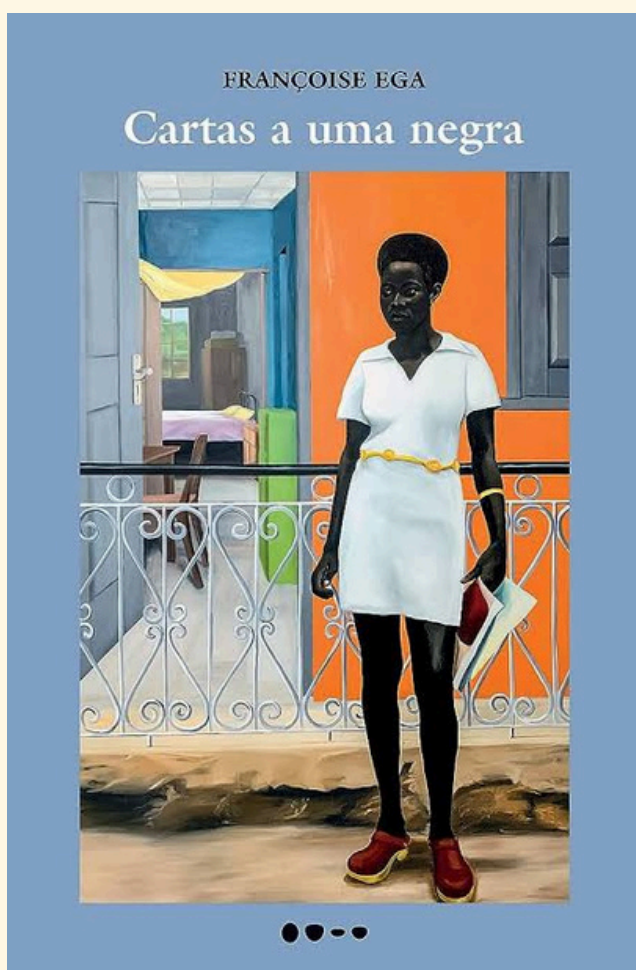
APÓS ESTE MOMENTO DE REFLEXÃO
VAMOS INICIAR O DESENVOLVIMENTO DAS
ATIVIDADES.



Fonte: canva.com

O segundo momento que propomos neste caderno de sequência didática é a reflexão sobre a leitura das cartas das mulheres negras, abordando preconceito, discriminação, classe, raça, e os impactos na constituição da leitura e escrita.

Para isso, sugerimos a leitura do livro “cartas a uma negra” de Françoise Ega.



O LIVRO

Antilhana, Françoise Ega trabalhava em casas de família em Marselha, na França. Um de seus pequenos prazeres era ler a revista Paris Match, na qual deparou com um texto sobre Carolina Maria de Jesus e seu QUARTO DE DESPEJO. Identificou-se prontamente. E passou a escrever “cartas” — jamais entregues — à autora brasileira. CARTAS A UMA NEGRA, publicado postumamente, é um dos documentos literários mais significativos e tocantes sobre a exploração feminina e o racismo no século 20.

Fonte:

<https://todavialivros.com.br/livros/cartas-a-uma-negra>

Para essa socialização, poderá ser usado o Podcast "Palavra de mulher preta" em que narram uma carta do livro da autora “Françoise Ega”, páginas 87 a 89.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=St_Jr7O3i8M



Carta 1: os desafios da leitura e da escrita na vida das mulheres negras

Objetivo: problematizar contextos sociais

Tempo estimado: 1h30m

31 de março de 1963

Carolina, posso realmente dizer que perdi tempo só porque não deixei o melhor que eu tinha na casa de “uma senhora”? Não! Terminei meu primeiro livro, só me resta colocar a palavra “fim”, não me convenci a fazer isso, uma imensa apreensão me invade. Enquanto ainda não era um livro, todas as hipóteses me eram permitidas; às vezes, podia imaginar pessoas o rejeitando: “Que fiasco!” Em outros momentos, podia vê-lo nas mãos de “uma senhora”, repetindo à sua princesinha: “Oh! Você pode ler! Eu adorei.” Agora que terminei o livro, que não faço mais suposições e que escrevi pedindo conselhos a quem me permitiu conhecer você, sinto vergonha. É inexplicável, mas eu tinha mesmo o direito de maltratar a língua de Molière? Eu, uma pobre negra? Tinha eu o direito de dizer coisas bonitas em um francês meia boca? É isso o que me preocupa! Os participios irregulares vão embora justo no momento em que estou escrevendo uma frase! E minhas retinas tão fatigadas pelas madrugadas sem dormir fazem os toques da máquina de escrever dançarem quando trabalho à noite, de tal modo que não há uma linha que não traga consigo uma gralha! E a fala bonita daqueles que tiveram a sorte de estudar literatura, em que buraco ela se esconde quando sou eu que escrevo? Ouço então um imenso clamor e um monte de gargalhadas! A multidão diz: ela foi corajosa, tendo só o diploma do curso primário! Que atrevida! O clamor aumenta, ressoa na minha cabeça com tanta intensidade que acabo largando tudo para voltar ao universo do qual nunca deveria ter saído. Limpo o cocô de uma das crianças, descasco batatas e penso em procurar uma patroa. É a minha sina: só tenho que ficar no meu lugar e não vou me incomodar. Escrevi para o repórter da Paris Match que falou de você como um naufrago que joga uma garrafa ao mar, de antemão sem esperança. Ainda bem que a primavera chega logo, estarei tão ocupada observando a minha cidade renascer que os pensamentos tristes não durarão quase nada. Para me encher de ânimo, enquanto esperava por uma resposta pouco provável, li para as crianças trechos dos meus rabiscos. Hoje era o capítulo do vulcão, minha filha começou a chorar: “É muito triste! Por que é tão triste?” Não querendo entristecê-la mais, fechei o manuscrito.

As cinzas das memórias não são apenas restos de fogueiras. Há também as brasas de sofrimento, as achas de lenha da maldade, os ramos da ternura e do amor. Meus filhos trouxeram seus calçados esburacados depois de um jogo de futebol muito intenso. Haverá custos adicionais para o casamento de Cécile, e o orçamento da família está mais do que apertado. Disse então ao meu marido que ia procurar trabalho, ele gritou como um infeliz: “Não quero que você vá estragar os seus dedos na casa dessas dondocas! Fique aqui! Dane-se o casamento! Dane-se que os calçados estraguem rapidamente, os meninos ficarão com eles um pouco mais de tempo!”

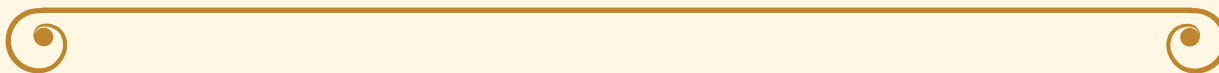
Quando ele perde a paciência, prometo tudo o que ele quer e, mesmo assim, faço o que me dá na telha. Parti para a Agência Pública de Mão de Obra, o funcionário encarregado de arrumar trabalho para secretárias e contadoras me avisou que não havia empregos de meio expediente. Como operária, eu poderia ser enviada para a fábrica de chicletes, mas seria preciso estar lá às seis e meia da manhã. Sondei as vagas para “domésticas”. Não tive muita sorte, o funcionário leu a demanda: procuram-se pessoas, “alimentação e alojamento” fornecidos. Já tenho “alimentação e alojamento”, então voltei para casa.



Após a leitura ou a apreciação do “Podcast”, iniciar um debate sobre a cartas para que as/os alunas/os façam suas interpretações.

Você poderá fazer algumas perguntas para direcionar as discussões para as alunas/os responderem oralmente.

- a) Qual é a finalidade de uma carta?
- b) O que você compreendeu da leitura da Carta?
- c) Quais são os pontos que lhe chamaram a atenção?
- d) Essa leitura ativou alguma lembrança ou vivência sua ou de pessoas próximas?



Feitas as discussões sobre as primeiras reflexões da carta, vamos para a segunda parte, os/as alunos/as poderão responder as questões a seguir.

1º Momento: realizar uma roda de conversa sobre o tema abordado na carta, pedir as/os alunas/os para relatar fatos iguais ou semelhantes que vivenciaram no espaço escolar, possibilitando que cada um/uma narre suas experiências.

2º Momento: Fazer algumas perguntas para expandir o debate acerca do tema, tais como:

- a) Já sofreram discriminação na escola, ou presenciaram esse ato?
- b) Como você reagiu nessa situação?

3º Momento: interpretação textual.

Interpretação textual da carta

a) Quem é Carolina com quem Françoise conversa na carta?

Faça uma pesquisa e responda quem é Carolina.

b) Leia o trecho da carta e responda com suas palavras o que Françoise Ega quis dizer: “E a fala bonita daqueles que tiveram a sorte de estudar literatura, em que buraco ela se esconde quando sou eu que escrevo? Ouço então um imenso clamor e um monte de gargalhadas! A multidão diz: ela foi corajosa, tendo só o diploma do curso primário! Que atrevida! ”.

c) "O clamor aumenta, ressoa na minha cabeça com tanta intensidade que acabo largando tudo para voltar ao universo do qual nunca deveria ter saído. Limpo o cocô de uma das crianças, descasco batatas e penso em procurar uma patroa. É a minha sina: só tenho que ficar no meu lugar e não vou me incomodar." Por que Françoise Ega pensa dessa maneira? o que a deixou tão desacreditada em si mesma? Responda e justifique.

d) Escreva com suas palavras o que Françoise Ega quis dizer ao escrever na sua carta: “As cinzas das memórias não são apenas restos de fogueiras. Há também as brasas de sofrimento, as achas de lenha da maldade, os ramos da ternura e do amor.”

e) Depois compartilhe com a turma.



Fonte: canva.com



Fonte: canva.com

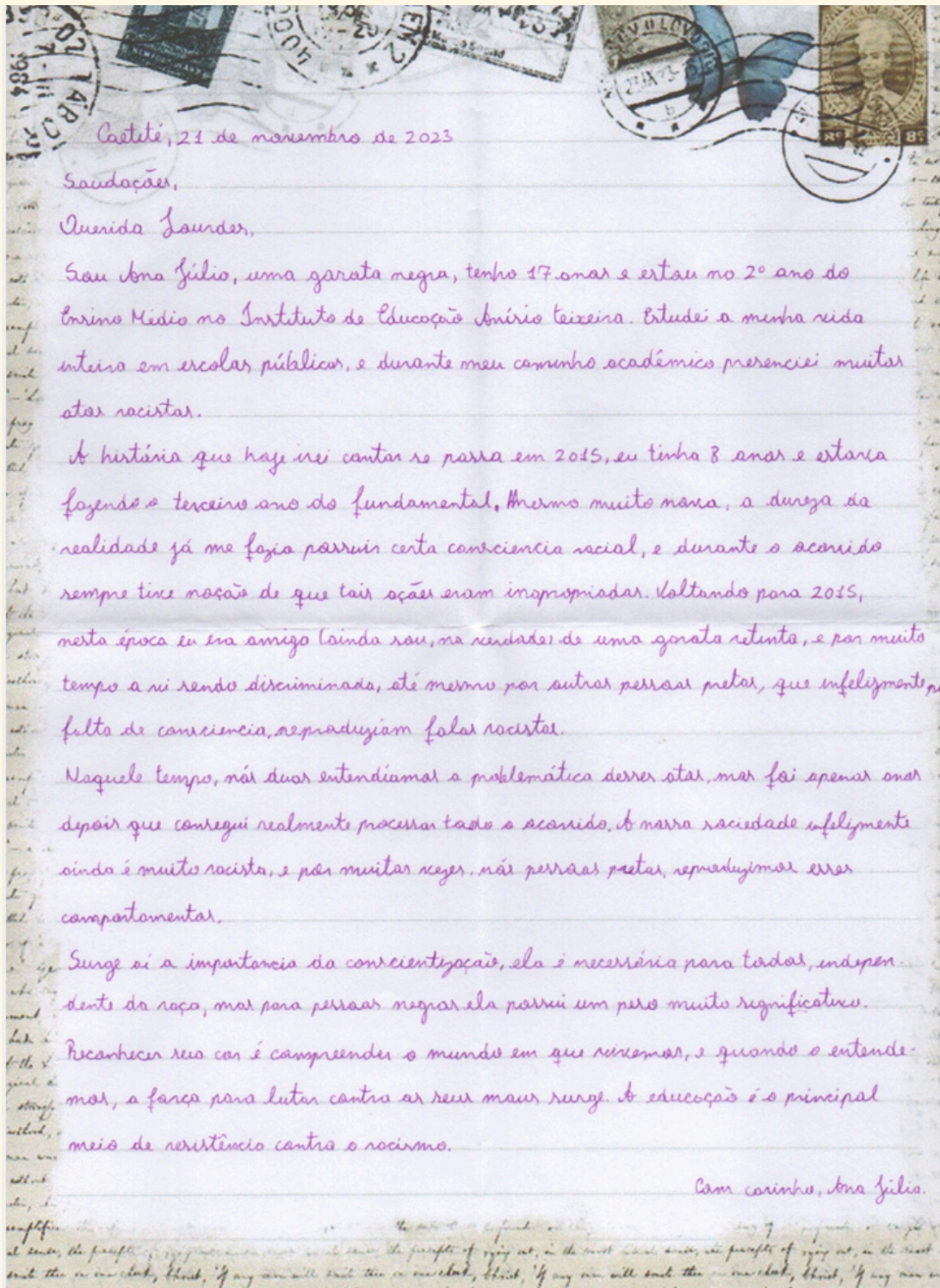
Desenvolvimento

Após esse momento de reflexões, vamos dar continuidade ao desenvolvimento das atividades seguintes.

Carta 2: a presença da discriminação no espaço escolar.

Objetivo: problematizar a discriminação na sala de aula.

Tempo estimado: 1h30m



Fonte: Carta de umas das participantes da "Oficina de leitura e da escrita de cartas: O poder da leitura e da escrita na vida das mulheres negras", realizada no Instituto de Educação Anísio Teixeira, em turma de ensino médio, nas aulas de Língua Portuguesa, disciplina ministrada pela professora Zélia Malheiro Marques - Caetité-Bahia-2023.

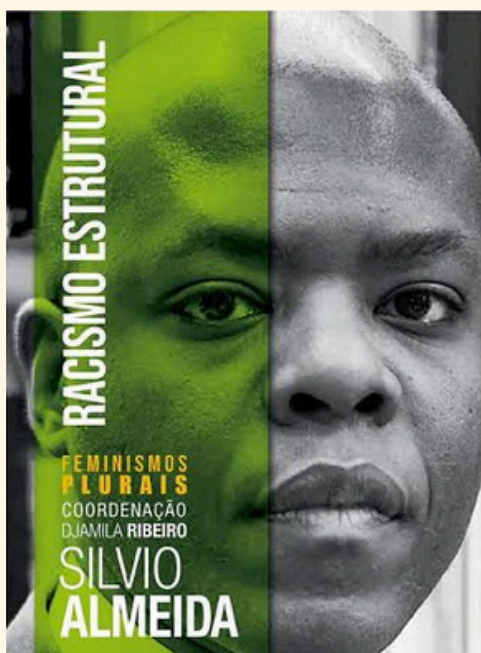
1- Leia essas linhas escritas da carta de Ana Júlia com atenção:

A história que hoje irei contar se passou em 2015, eu tinha 8 anos, e estava fazendo o terceiro ano do fundamental, mesmo nova, a dureza da realidade já me fazia possuir certa consciência racial, e durante o ocorrido sempre tive noção de que tais ações eram incorporadas. Voltando para 2015, nesta época eu era amiga (ainda sou, na realidade, de uma garota retinta, e por muito tempo a vi sendo discriminada, até mesmo por outras pessoas pretas, que infelizmente por falta de reproduzem falas racistas.

Após a leitura, escreva uma carta relatando:

a) Se você já sofreu discriminação na escola, ou se presenciou esse ato, escreva uma carta para alguém da sua escolha contando esse acontecimento, e compartilhe sua escrita através da leitura com a turma.

b) Na sua opinião o que deveria ser feito para que essas ações de discriminação não acontecessem no espaço escolar, para que todos tenham respeito um pelo outro independente da cor da pele. (Pode ser respondido oralmente, uma discussão com as/os alunas/os)



Sugestão de leitura para discussão sobre preconceito, racismo e discriminação.

Ele é professor da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Também é presidente do Instituto Luiz Gama, organização que reúne acadêmicos, juristas e ativistas que atua em favor de negros e outras minorias.

É especialista em direitos humanos e relações raciais. Atualmente, desenvolve estudos em áreas como racismo estrutural, compliance e práticas antidiscriminatórias. Nesse tema, ele publicou o livro “Racismo Estrutural”, em 2019.

Texto do livro: Sílvia de Almeida, página 32.

Preconceito, racismo e discriminação

Apreendido o conceito de raça, já é possível falar de racismo, mas não sem antes diferenciar o racismo de outras categorias que também aparecem associadas à ideia de raça: preconceito e discriminação. Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta. A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que se recusem a atender clientes de determinada raça. Adilson José Moreira afirma que o conceito de discriminação direta pressupõe que as pessoas são discriminadas a partir de um único vetor e também que a imposição de um tratamento desvantajoso requer a existência da intenção de discriminar”. Por isso, conclui Moreira que o conceito de discriminação direta é “incompleto” para lidar com a complexidade do fenômeno da discriminação.

Clique no link para acessar o livro

[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos - silvio luiz de almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf)

a) Leia o trecho da carta de Júlia e destaque os pontos importantes da sua escrita nessas linhas:

“Surge aí a importância da conscientização. Ela é necessária para todos, independentemente da raça, mas para pessoas negras ela possui um peso muito significativo. Reconhecer sua cor é compreender o mundo em que vivemos, e quando o entendemos, a força para lutar contra os seus maus surtos. A educação é o principal meio de resistência contra o racismo.”

b) Agora, escreva um pequeno comentário sobre o que leu.

Desenvolvimento

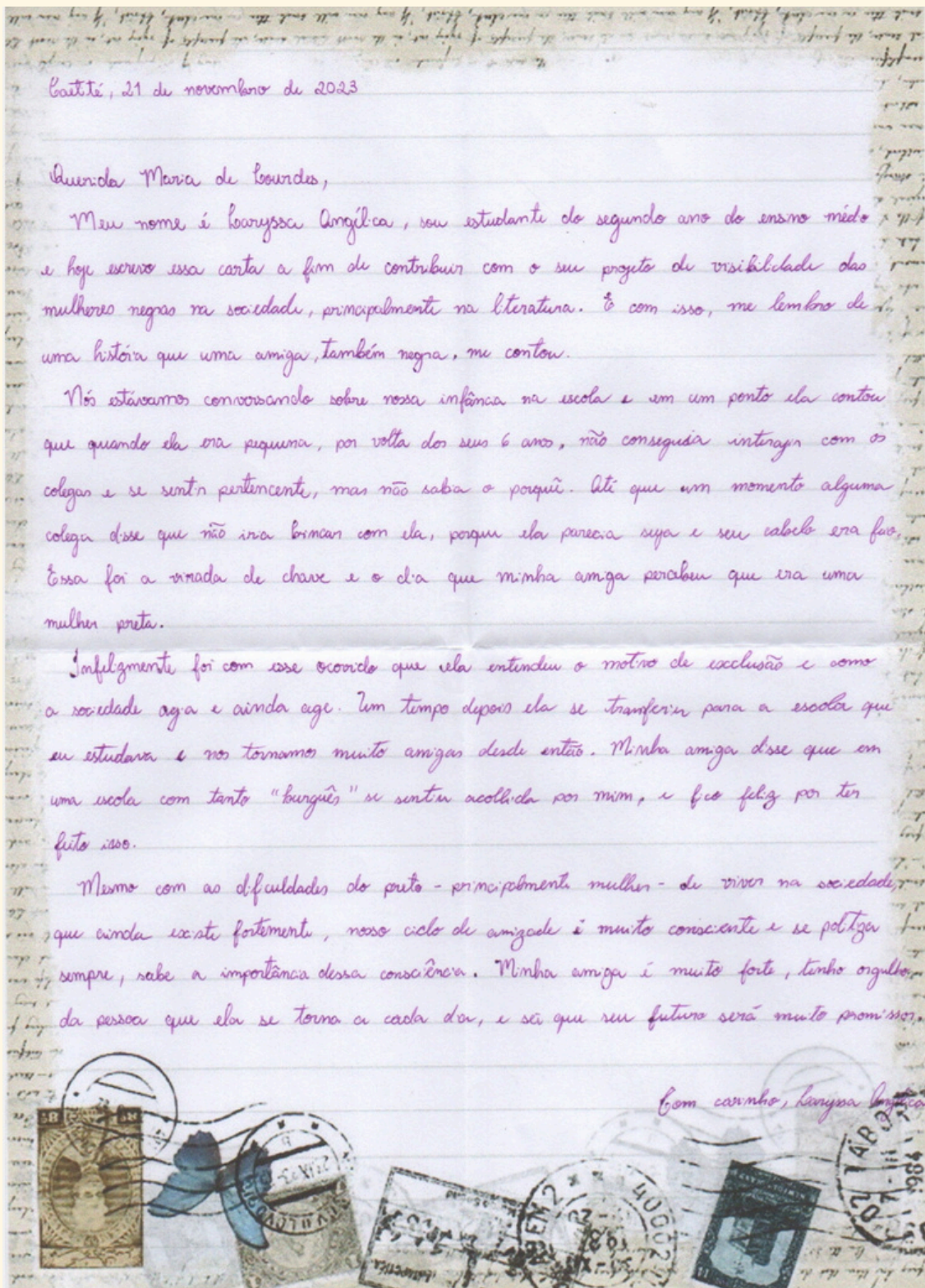
1º Momento: fazer a leitura da carta com a turma

2º Momento: após a leitura, fazer um breve debate sobre o tema Racismo


Carta 3: a invisibilidade da menina/mulher negra na escola

Objetivo: problematizar o racismo na sala de aula

Tempo estimado: 1h30m



Fonte: Carta de umas das participantes da "Oficina de leitura e da escrita de cartas: O poder da leitura e da escrita na vida das mulheres negras", realizada no Instituto de Educação Anísio Teixeira, em turma de ensino médio, nas aulas de Língua Portuguesa, disciplina ministrada pela professora Zélia Malheiro Marques - Caetité-Bahia-2023.



1º Leia o trecho a seguir da carta:

Meu nome é Laryssa Angélica, sou estudante do segundo ano do Ensino Médio, e hoje escrevo essa carta a fim de contribuir com seu projeto de visibilidade das mulheres negras na sociedade, principalmente na literatura. E com isso, me lembro de uma história que uma amiga, também negra, me contou.

Nós estávamos conversando sobre nossa infância na escola e em um ponto ela contou que quando ela era pequena, por volta dos seis anos, não conseguia interagir com os colegas e se sentir pertencente, mas não sabia o porquê. Até que um momento alguma colega disse que não iria brincar com ela, porque ela parecia suja e seu cabelo era feio.

Essa foi a virada de chave e o dia que minha colega percebeu que era uma mulher preta.

2º Após fazer a leitura, responda as seguintes questões.

a) Por que excluir mulheres negras de determinado espaço por conta de suas características físicas?

b) Por que é tão difícil a interação de mulheres negras com pessoas brancas na escola e sociedade?

c) O que podemos fazer para mudar essa realidade principalmente na escola onde passamos a maioria do nosso tempo?

d) Por que a infância das meninas negras é tão sofrida?

3º Exposição do vídeo reflexão: Racismo na escola, o que fazer? Acesso em 18/18/2023.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hc9mZe5_6FI&t=28s

Atividades;

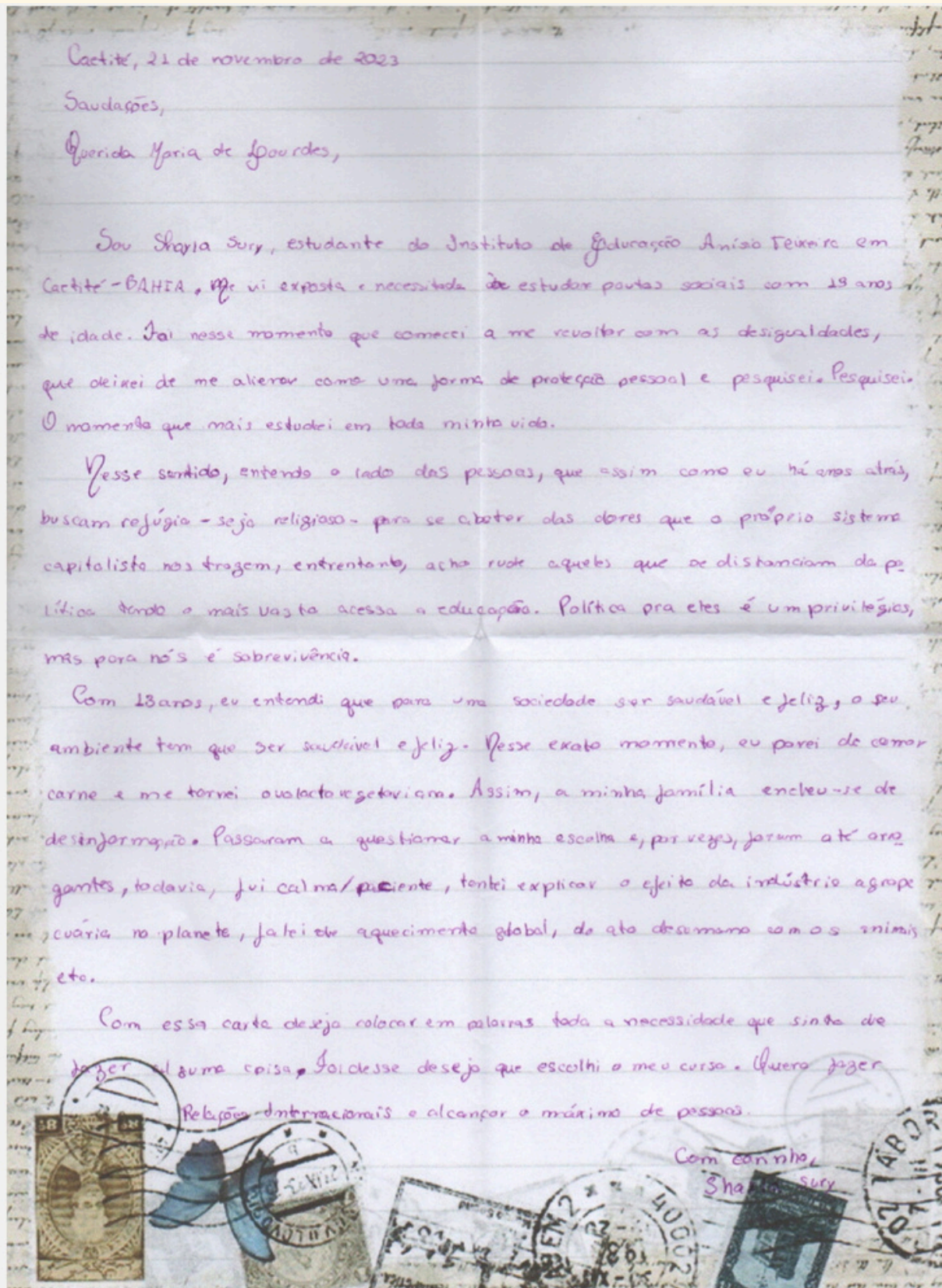
- Discutir sobre o racismo na escola.
- Pedir para aos/às estudantes que sofreram racismo, que falem sobre isso, e narrem se sentem algum prejuízo em sua vivência e na aprendizagem por conta desse ato.
- Dividir a turma em equipes e propor que escrevam cartas com mensagens contra o racismo a serem divulgadas a todos na instituição escolar.
- Organizar essas cartas no mural da escola como forma de luta contra o racismo na escola e na sociedade.

Desenvolvimento

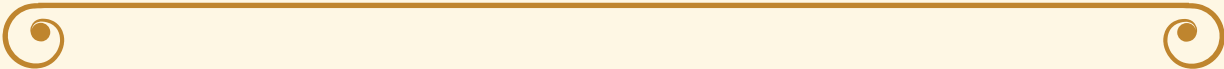
Carta 4: Os desafios enfrentados na sociedade

Objetivo: identificar as desigualdades sociais

Tempo estimado: 1h30m



Fonte: Carta de umas das participantes da "Oficina de leitura e da escrita de cartas: O poder da leitura e da escrita na vida das mulheres negras", realizada no Instituto de Educação Anísio Teixeira, em turma de ensino médio, nas aulas de Língua Portuguesa, disciplina ministrada pela professora Zélia Malheiro Marques - Caetité-Bahia-2023.



1º Momento: fazer a leitura da carta com os estudantes.

2º Momento: após a leitura, fazer diálogo sobre o tema relatado na carta.

3º Momento: escrever uma carta para alguém contando acontecimento semelhante ao descrito na carta que aconteceu com você ou com outra pessoa.

4º Momento: leitura do texto de Sílvio de Almeida página 32.

5º Momento: exibição do vídeo “Mulheres negras expõem os diferentes desafios enfrentadas por elas ainda hoje no Brasil”. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2t-eo8yhjf4>

Quando percebemos que nossa vida é marcada por experiências negativas e abusos acerca da desigualdade social e que estamos inseridas nela como desiguais, procuramos nos proteger através da leitura e o conhecimento. Leia essa parte da carta e veja qual foi seu maior aliado para entender toda a problemática que a sociedade nos impõe.

“Sou Shayla, estudante do Instituto de Educação Anísio Teixeira, em Caetitê-BAHIA. Me vi exposta a necessidade de estudar pautas sociais com 19 anos de idade, foi nesse momento que comecei a me revoltar com as desigualdades, que deixei de me alienar como uma forma de proteção pessoal e pesquisei. Pesquisei, o momento que mais estudei em toda minha vida.”

- a) Qual é a problemática social que você enfrenta?
- b) O que você faz para estabelecer um conhecimento e não ficar alienado ao sistema?
- c) Leia outros trechos da carta e destaque pontos marcantes para o debate.

a) Sugestão de vídeo para reflexão:

Desigualdade social...palavras repetidas - Gabriel o Pensador. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFBBxeZPdVQ>

b) Café Filosófico | Desigualdade brasileira em três tempos | 30/04/2023. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5e94ptsdUw>

Após assistir a esses vídeos, divida a turma em grupos e peça aos/as alunos/as para realizarem uma pesquisa na cidade onde moram e registrarem em fotografias, vídeos, ou documentários sobre as desigualdades sociais.

Sugestões de temas incluem:

- Moradia
- Classe social
- Trabalho
- Vida da mulher negra no lugar onde você mora
- Educação
- Racismo



Enquanto sujeito histórico, a mulher negra enfrenta diversos desafios na vida, desde a infância até a vida adulta. E, como estudante, não é diferente, pois dividimos nosso tempo para nos dedicarmos a esse tão almejado sonho de uma formação, de modo que possamos de alguma maneira contribuir com a sociedade através do conhecimento.

Carta 5: desafios na trajetória da constituição leitora antes e durante a entrada na universidade

Objetivo: identificar os desafios na trajetória da mulher negra

Tempo estimado: 1h30m

Brumado, 26/07/2023.

Querida Maria de Lourdes

Sou Valdirene Aragão Rocha, mulher negra de 44 anos, casada há 15 anos, divido minha vida com minha linda família, Edgar e minha filha Yaíza, meus pais e meus irmãos. Sou professora, amo demais minha profissão. Há mais de 06 anos trabalho com Educação Infantil na rede municipal de Brumado-Ba, cidade onde residimos. Sou de família numerosa, a sétima dos nove filhos (as) dos meus pais. Sempre morei em periferia, de família com poucos recursos financeiros, mas cheia de resistência e amor.

Iniciei no mundo da leitura aos cinco anos, através de imagens de revistas usadas e gibis e na s brincadeiras de escolinhas com as amigas da rua. Só comecei a frequentar a escola a partir dos 6 anos. Minhas leituras se limitavam a romances e livros literários e didáticos.

Terminei o curso técnico em Magistério em 1998, não consegui trabalhar em escolas, fui ser doméstica e trabalhar em lojas. Por conta do trabalho, que precisava para auxiliar nas despesas de casa, somente em 2003 fiz o vestibular em Pedagogia na UESB, campus de Vit. Da Conquista, o qual passei e comecei a estudar em 2004. Fui dividir aluguel e despesas com outros dois colegas também de Brumado-Ba. O curso era noturno, pois durante o dia precisava trabalhar para custear as minhas despesas. Conclui o curso em 2008, somente em 2018, exatos 10 anos é que ingressei no Mestrado, observe as datas Lurdes: 1998, 2008 e 2018. Fiz um percurso de formação demoradíssimo de 30 anos.

Será por que? É lamentável, e mais lamentável ainda é saber que fui uma exceção. Tantas irmãs e irmãos negros e pobres nem ao longo de toda sua vida poderá trilhar esse caminho. Em todo esse percurso a leitura de me introdução nos olhares e achados críticos foi Paulo Freire. Na graduação de pedagogia, fui alargar meus horizontes sobre os problemas sociais e aguçar meu pensamento crítico a cerca deles.

Movimento de Mulheres Negras, a Pastoral da Juventude também tivera contribuições importantes na minha formação. No Magistério tivemos prática de leitura mais voltada as metodologias as quais iríamos trabalhar no estágio. Aprender a ler de maneira crítica, fichar e fazer resenhas não me lembro nessa época. Gosto sempre de enfatizar que a faculdade e o Mestrado, alargaram meus horizontes para o mundo, no entanto, tive excelentes professores (as), sei que nem sempre é assim. Então, digo que os movimento sociais te possibilitam voar, estudar e refletir sobre diversos assuntos que muitas vezes, a universidade não consegue dar conta.

Que leitora eu sou? Ótima pergunta Lurdes!!!.kkkkkk O PPGELS tem um corpo docente de muita qualidade, me foi acrescentado uma bagagem consistente de leituras para minha formação e para minha consciência pessoas também. A leitura tem que servir para a vida em todas as dimensões, profissional e pessoal. Não apenas para ganhar créditos na Universidade ou para meu aperfeiçoamento profissional, deve ter as três funções incluindo o crescimento pessoal.


Hoje posso dizer que mediante tantos afazeres, sou uma leitora em construção, com desejos de ler o mundo, porém sem tempo para explorar, leio sobre a educação infantil, negros, mulheres negras. Gosta de autoras brasileiras e afro-brasileiras. Conceição Evaristo, Núbia Moreira, bell hooks, P. Collins, Lúcia Porto, Zoraide Portella...

O PPGELS intensificou meu desejo pessoal de conhecer melhor a minha história, de outras mulheres negras através das autoras, dos cursos de extensão das aulas diversificadas dos professores (as). Que foram muito valorosas, nas funções que tem a leitura (para mim), no aperfeiçoamento profissional, hoje sou uma educadora com maior preparação para lidar com as demandas da Educação Infantil (tema da minha Dissertação), no campo pessoal.

Pedras, espinhos, tropeços na minha travessia, em especial durante o Mestrado?? Tive inúmeros. Costumo até dizer, que não sangrava apenas a cada 30 dias no período menstrual, sangrava todos os dias. Foi muito doloroso. Quando ingressei no Mestrado em 2019, trabalhava na zona rural de Brumado, minha filha estava com apenas 4 anos. Não tive licença no trabalho. Foi sangrento viajar, para estudar, para trabalhar, cuidar da casa e ainda contar com dificuldades financeiras, só tenho 20 horas (salário insuficiente). Meu marido (também Professor) na época, estava desempregado, assumiu os cuidados com nossa filha e com a casa.

Querida Lurdes, a vida acadêmica e a vida em geral nunca foi fácil e nunca será fácil para nós mulheres negras, mas como cantava meu amigo rapper Thiago de Vit. Da Conquista: Champanhe na taça um brinde pros guerreiros (as), apesar do bombardeio, eles/elas sobreviveram! Então sobrevivi, resistir, foi difícil e ainda é. Mas quero seguir com a publicação do meu Produto para que as professoras da escola pública tenham acesso, após fazer meu Doutorado. Ciente que irei enfrentar outros bombardeios. Minha vida foi sempre bombardeada. Pode vim!!!! Juntos, estarei sempre pronta!!

Valdirene Aragão Rocha

- 
- a) Após a leitura da carta, iniciar um debate sobre a história de Valdirene, para que os/as alunos/as comentem.
- b) Fazer algumas perguntas para direcionar as discussões:
- Como as mulheres negras podem alcançar sucesso pessoal e profissional na sociedade?
 - Como proteger seu corpo, sua identidade, saúde mental e sua autoestima diante do racismo?
- c) Pedir aos/às discentes que releiam a carta e cite os desafios que Valdirene enfrentou no seu processo de formação.
- d) Por que, com formação no Magistério, ela não conseguiu exercer a função de Professora?
- e) Você conhece as escritoras que ela cita da carta?
- f) Por que seu processo de formação foi tão demorado?
- g) Você acha que o professor (a) faz diferença na vida do (a) aluno (a)?

Quando olhamos para o passado, ressignificamos a nossa história. Assim, sugerimos que peça aos alunos/as que façam uma pesquisa com mulheres negras sobre sua formação e função que exercem. Essa pesquisa pode ser solicitada através de escrita de carta.

A apresentação do resultado da pesquisa pode ser organizada em um momento de roda de conversa para compartilhar as cartas com as narrativas.

Sugestão de vídeo: Mulher negra e o mercado de trabalho. Acesso em 21/12/2023.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2KmnWD5oiRw>

Mulheres em Cargos de Liderança | Nubiha Modesto. Acesso em 21/12/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXMdws982_U

Desenvolvimento

1º Momento: fazer a leitura da carta com a turma

2º Momento: após a leitura, fazer um breve debate sobre gravidez na adolescência

Carta 6: Um sonho depositado em Cacto

Objetivo: problematizar a gravidez na adolescência e a importância de estudar e vencer na vida.

Tempo estimado: 1h30m

Palmas de Monte Alto-BA, 28/11/2022.

Saudações

Maria de Lourdes

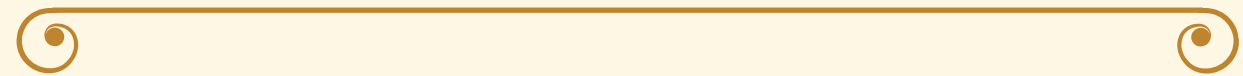
Olá, sou (Cacto), tenho 29 anos, sou graduada em Pedagogia pela UNEB- Campus XII, mestranda do PPGELS – UNEB/ Campus VI, sou negra, me autodeclaro parda, sou baixa (1,67), gorda (96kg) e tenho os cabelos cacheados (já passei pela transição capilar, usava produtos químicos até 2019). No momento trabalho com atendente, mas gostaria muito de estar atuando na minha área, sou casada, não tenho filhos. Nasci em uma comunidade remanescente de quilombo, na comunidade de Mari em Palmas de Monte Alto-BA.

As minhas vivências acadêmicas me fizeram tornar uma leitora, entrei na faculdade cheia de sonhos e esperanças, depois de inúmeras tentativas, passei no vestibular em 2015, uma das maiores realizações da minha vida, como mulher, negra, do campo, pobre, trabalhadora etc... adentrar a Universidade pública é muito grandioso, me fez querer ir longe, acreditar que eu também poderia ter melhores condições de vida. Pois a educação é a única saída para quem quer se destacar e ter um diferencial. Lembrando que venho de uma realidade que meninas de 12 anos, são mães e donas de casa, submissas dos maridos, minhas colegas do colégio, Ensino Fundamental II, a maioria, engravidaram e desistiram dos estudos, com minhas irmãs não foi diferente, a mais velha engravidou com 17 anos, não estudou, cuidou de seus filhos sozinhas, como mãe “solteira”, a outra fez o ensino médio e engravidou com 23, também sozinha, como mãe solo, teve depressão pós-parto, e eu como a filha mais nova, realizei o sonho depositado em mim, “de formar”, como minha mãe disse “quero ver vc formar!”, eu formei, rs...

Concluir a faculdade, com muitas dificuldades, no início quando entrei, trabalhava e estudava, mas chegou um momento que não dava mais para conciliar os dois, trabalho e estudo, tive que tomar uma decisão difícil, eu dependia do trabalho para estudar, mas meu sonho, sempre foi o mais importante, então pedi demissão e me dediquei exclusivamente para a faculdade, no decorrer da faculdade as coisas ficaram muito difícil, tive muitas ajudas, até que conseguir bolsas estudantis que me manteve até o final. Hoje no mestrado sei o peso que carrego e o orgulho por ser a filha de Dona Maria, a única a ter o ensino superior, e da família a primeira mulher a entrar na faculdade. Queria que todas minhas colegas do ensino fundamental e médio, tivesse a oportunidade que tive, que minha irmãs, primas também tivesse se dedicado aos estudos, eu não venci kkk, se estudar é vencer na vida eu não venci ainda, kkk, (ainda estou estudando rsrs) mas eu garanto estudar, te faz ter autonomia, conhecimento e perseverança, te faz ver as coisas de outras maneiras, ter personalidade, identidade, opinião própria, mas eu estou vencendo kkk estou realizando os meus sonhos que são muitos! O mestrado é um dos...tantos sonhos que tenho.

Abraços!

Cacto



Na carta, é relatada uma triste realidade sobre a gravidez na adolescência, evidenciando que isso ocorre com maior frequência com meninas negras, pobres e com baixa escolaridade. Após a leitura da carta, abordar as seguintes questões:

- a) O tema “gravidez na adolescência” em sala de aula.
- b) Quais são as principais causas de gravidez na adolescência?
- c) A partir de qual idade se considera gravidez na adolescência?
- d) Propor campanhas educacionais sobre métodos contraceptivos voltados exclusivamente para mulheres.
- e) Dialogar sobre o processo difícil que geralmente é marcado por problemas de saúde física e mental, além do abandono do pai da criança, deixando a mãe responsável pelo cuidado da criança sozinha.

Sugestões de vídeos:

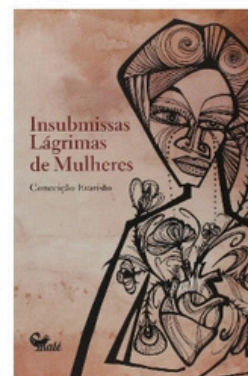
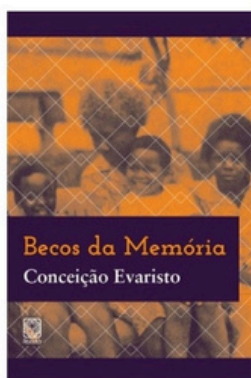
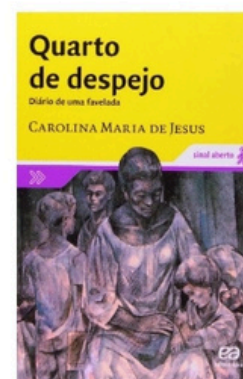
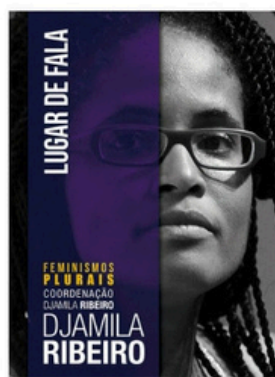
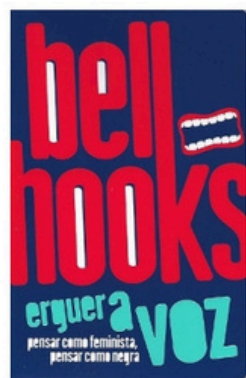
Acesso em 12/01/2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Zg7FUrAxVE>.
Documentário (gravidez na adolescência) - Palmácia - Ceará

Acesso em 12/01/2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1B7s71kAk_g
Meninas Mães (Documentário).

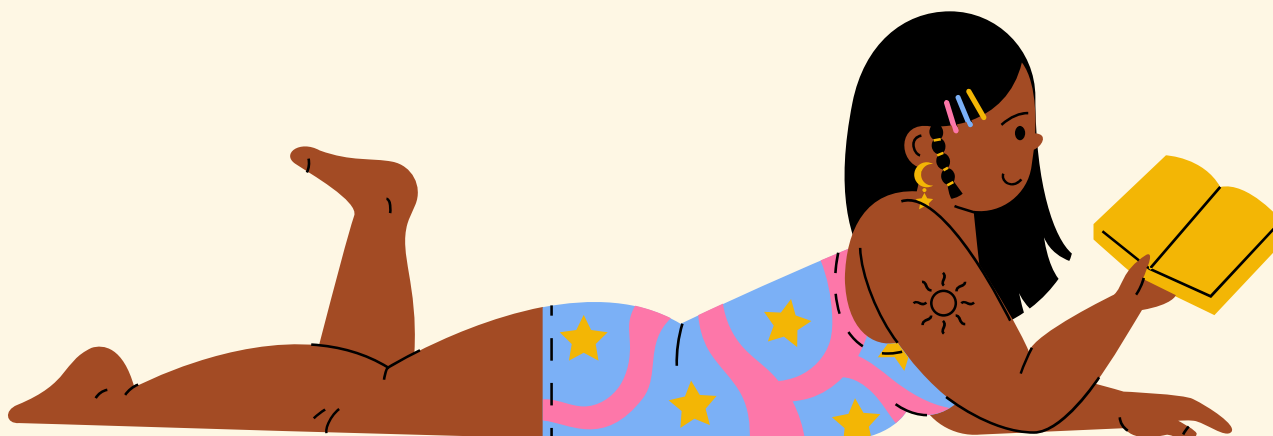
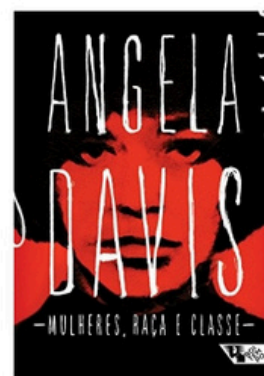
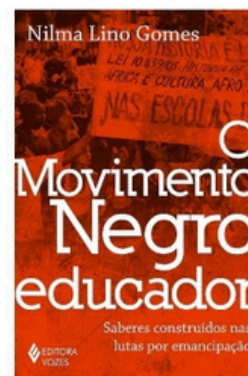
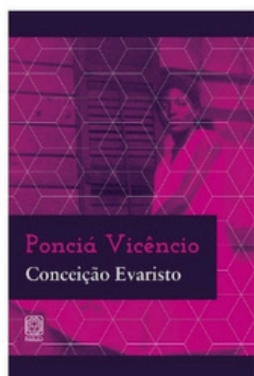
-
- Fazer uma roda de conversa e dialogar sobre os sonhos e o que pode impedir as meninas negras de os realizarem.
 - Por que nas famílias de pessoas negras poucas conseguem chegar no ensino superior?
 - Por que muitas mães depositam o seu sonho, que não foi realizado, nos/nas filhos/as para que estes/estas o realizem por elas?
 - Propor que os/as estudantes façam pesquisas sobre o número de adolescentes grávidas na própria instituição.
 - Lançar uma campanha dentro da instituição para que as adolescentes não sejam discriminadas, mas sim acolhidas.
 - Incentivar os/as estudantes a escreverem cartas com para essas adolescentes com mensagens positivas.
 - Fazer a leitura da carta e levantar outros temas importantes sobre as mulheres negras.



Sugestões de livros: escritas de mulheres negras



Sugestões de livros: escritas de mulheres negras



Fonte: canva.com

Sugestões de documentários e filmes



**Memórias Vivas do Quilombo de Gurunga -
Lei Paulo Gustavo Igaporã-Bahia**

Acesso em 12/01/2024. Disponível em:
<https://youtu.be/ynfMIBrqb94?si=EK8VdmitnlyCq006>

Ações do núcleo Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia-Museu do território, polonucleado, sediado em Caetité.

Esse Curta Metragem conta um pouco da história da Comunidade Quilombola de Gurunga, situada no município de Igaporã-Bahia. O curta metragem foi selecionado no edital Paulo Gustavo Igaporã , Área 01-Audiovisual - Curta Metragem, proponente Roseli Benevides de Souza.



Filme de drama indo-emirático-estadunidense de 2011 dirigido por Tate Taylor, baseado no livro romance homônimo de Kathryn Stockett.

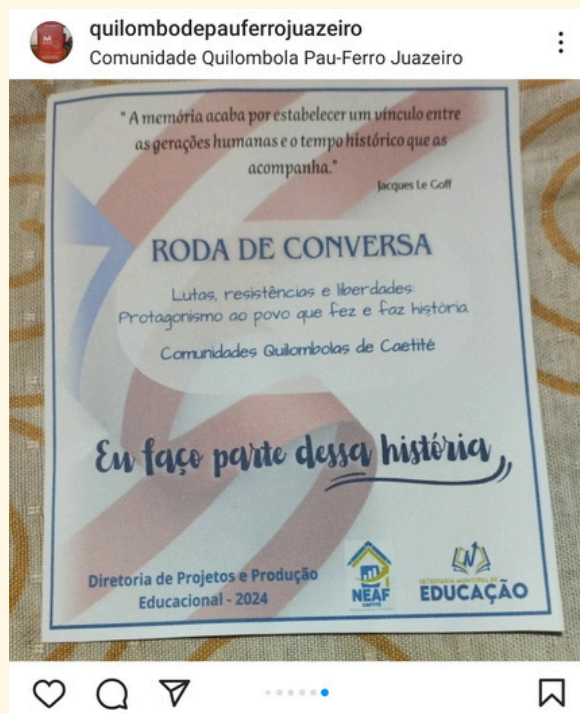
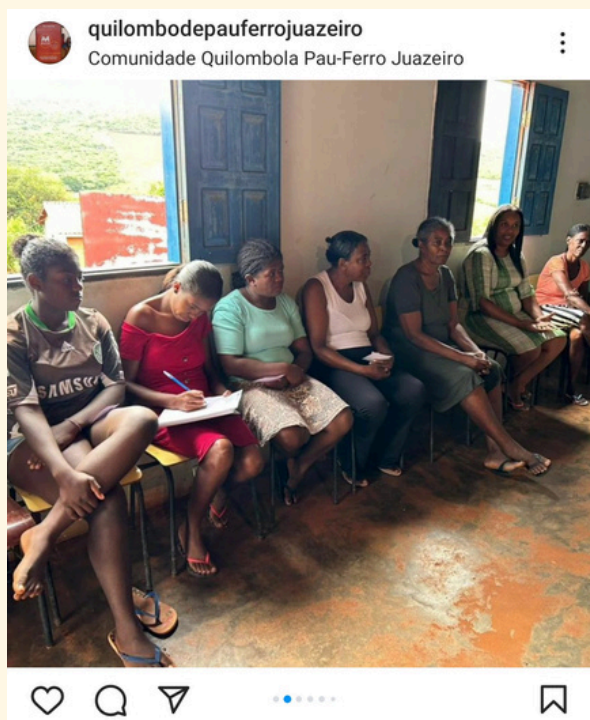
Histórias Cruzadas se passa em Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, nos anos 60. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrade a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

Sugestões de rede social



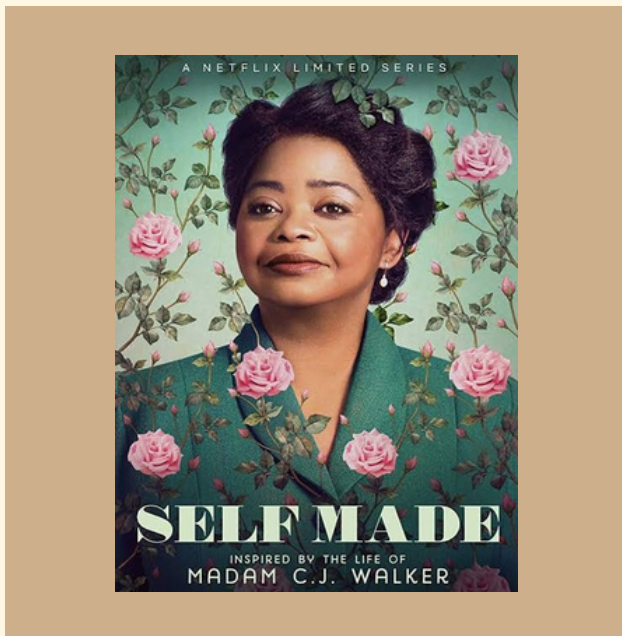
Acesso em: <https://www.instagram.com/quilombodepaufferrojuazeiro?igsh=MXJuZXpiMzhxazc4eQ==>

Ações do núcleo Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia-Museu do território, polonucleado, sediado em Caetité.



Acesso em <https://www.instagram.com/p/C3jg01CAfNR/?igsh=MWZkbXM4bXdhamlmZQ==>

Sugestão de documentário e filme



Minissérie, drama americano, baseado na biografia *On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C.J. Walker* de A'Leia Bundles, que estreou em 20 de março de 2020 na Netflix.

A história de Madam C.J. Walker (Octavia Spencer), ativista social e primeira mulher milionária dos Estados Unidos a conquistar a própria fortuna: por meio de uma linha de produtos capilares e cosméticos para mulheres negras.



Filme de drama biográfico estadunidense de 2016, dirigido por Theodore Melfi, com roteiro de Allison Schroeder e do próprio diretor baseado no livro homônimo de Margot Lee Shetterly.

1961. Em plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo em que a sociedade norte-americana lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros. Tal situação é refletida também na NASA, onde um grupo de funcionárias negras é obrigada a trabalhar a parte. É lá que estão Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), grandes amigas que, além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA.

Referências

Café Filosófico | Desigualdade brasileira em três tempos | 30/04/2023. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5e94ptsdUw>

Desigualdade social...palavras repetidas - Gabriel o Pensador. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFBBxeZPdVQ>

Documentário (gravidez na adolescência) - Palmácia - Ceará
Acesso em 12/01/2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Zg7FUrAxVE>

Livro. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/livros/cartas-a-uma-negra>

Livro Disponível
em: https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf

Meninas Mães (Documentário). Acesso em 12/01/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IB7s71kAk>

Mulheres negras expõem os diferentes desafios enfrentadas por elas ainda hoje no Brasil. Acesso em 18/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2t-eo8yhjf4>

Mulher negra e o mercado de trabalho. Acesso em 21/12/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2KmnWD5oiRw>

Mulheres em Cargos de Liderança | Nubiha Modesto. Acesso em 21/12/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXMdws982_U

Racismo na escola, o que fazer? Acesso em 18/12/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hc9mZe5_6FI&t=28s.

Documentário (gravidez na adolescência) - Palmácia - Ceará
Acesso em 12/01/2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Zg7FUrAxVE>

Referências



Palavra de Mulher Preta - EP 02. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=St_Jr7O3i8M>